

Millenium, 2(11), 65-71.

pt

DINÂMICA DE GRUPO E PESQUISA-AÇÃO EM SAÚDE: POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO
GROUP INTERVENTIONS AND ACTION RESEARCH IN HEALTH: APPLICATION POSSIBILITIES
DINÁMICA DE GRUPO Y INVESTIGACIÓN-ACCIÓN EN SALUD: POSIBILIDADES DE APLICACIÓN

Fernanda Costa Nunes¹

Marciana Gonçalves Farinha²

Fernanda Valentin³

Maria Alves Barbosa⁴

Marília dos Santos Rua⁵

¹ Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Medicina, Goiânia, Brasil.

² Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, Uberlândia, Brasil.

³ Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas, Goiânia, Brasil.

⁴ Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Enfermagem, Goiânia, Brasil.

⁵ Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Fernanda Costa Nunes - fersdom@gmail.com | Marciana Gonçalves Farinha - marciana@ufu.br | Fernanda Valentin - mtfernandavalentin@gmail.com |

Maria Alves Barbosa - maria.malves@gmail.com | Marília dos Santos Rua - mrua@ua.pt



Autor Correspondente

Fernanda Costa Nunes

Avenida T-3 nº1011, apto 2202,
Edifício San Bernardo, Setor Bueno
74215-110 - Goiânia – Goiás - Brasil
fersdom@gmail.com

RECEBIDO: 02 de dezembro de 2019

ACEITE: 27 de janeiro de 2020

RESUMO

Introdução: A pesquisa ação em saúde aliada à dinâmica de grupo assume-se com potenciadora da produção de conhecimento científico

Objetivo: Discutir as possibilidades de aplicação da Dinâmica de Grupo na pesquisa qualitativa em saúde.

Métodos: Traçam-se considerações a partir de experiências com grupos de utilizadores, trabalhadores do SUS e estudantes dos cursos de graduação em Medicina, Psicologia e Musicoterapia. Discute-se o planejamento de ações grupais e seus elementos: estrutura, processo e conteúdo.

Resultados: A intervenção grupal utilizada como metodologia da pesquisa-ação é rica em recursos e estratégias. Ela mostra-se eficaz para elaboração de ações ao problematizar fragilidades, necessidades e potencialidades encontradas no campo.

Conclusões: A pesquisa-ação permite novas respostas aos desafios que surgem nos contextos de saúde por envolver todos os atores nos processos de mudança e superação da realidade.

Palavras-chave: Pesquisa-ação; Dinâmicas de grupo; Intervenção grupal

ABSTRACT

Introduction: Action research in health combined with group dynamics is assumed to enhance the production of scientific knowledge.

Objectives: Discuss the possible application of Group Dynamic in participant research in the context of health.

Methods: Considerations are drawn from experiences with groups at users, SUS health care workers and undergraduate students Medicine, Psychology, and Music Therapy courses. This work discusses the planning of group actions and its elements: structure, process and content.

Results: Group intervention is used as a methodology of action research rich in resources and strategies. It proved to be effective for elaboration of fragilities, necessities and potentialities encountered in the field.

Conclusions: The research allows new responses to the challenges that arise in health contexts by involving the actors in the processes of change and overcoming reality.

Keywords: Action research; Group Dynamic; Group intervention

RESUMEN

Introducción: Se supone que la investigación en acción en salud combinada con dinámicas grupales mejora la producción de conocimiento científico

Objetivos: Discutir las posibilidades de aplicación de la dinámica de grupo en la investigación cualitativa en salud.

Métodos: Se extraen consideraciones de sus experiencias con grupos de usuarios, trabajadores del SUS y estudiantes de pregrado en Medicina, Psicología y Musicoterapia. Se discute la planificación de acciones grupales y sus elementos: estructura, proceso y contenido.

Resultados: La intervención grupal utilizada como metodología de investigación-acción es rica en recursos y estrategias. Es eficaz para elaborar acciones problematizando las debilidades, necesidades y potencialidades encontradas en el campo.

Conclusiones: La investigación de acción permite nuevas respuestas a los desafíos que surgen en contextos de salud al involucrar a todos los actores en los procesos de cambio y superación de la realidad.

Palabras Clave: Investigación de acción; Dinámica de grupo; Intervención grupal

INTRODUÇÃO

O campo da pesquisa qualitativa em saúde contempla as dimensões técnico-operacional, teórico-metodológica e ético-política (Silva, Castro-Silva, & Moura, 2018). Esta abordagem de investigação pode e deve ser adotada quando o que se pretende estudar abarca a história, as relações, as representações, as crenças, as percepções, as opiniões que as pessoas têm a respeito de como vivem, de como constroem seus artefactos e a si mesmos, sentem e pensam no contexto do processo saúde, doença e cuidado (Minayo, 2014).

Enquanto investigadoras e profissionais da saúde nosso modo de produzir conhecimento está implicado com a proposta da pesquisa-ação que fundamenta-se na intervenção no campo da realidade social pesquisada (Amado & Cardoso, 2017). Nossa prerrogativa de estudo está implicada com a emancipação e protagonismo dos trabalhadores dos serviços de saúde mental do Sistema Único de Saúde (SUS), o que só é possível mediante um paradigma participativo que dá voz e visibilidade a todos os

atores do contexto investigado de forma colaborativa. Assim, temos utilizado o grupo humano e as relações interpessoais dinâmicas que nele e dele ocorrem para pesquisas que em seu método propõem intervenção social e produção de conhecimento. A trajetória na pesquisa qualitativa em saúde mental traz-nos inquietações sobre a grande influência dos atores, sejam eles pesquisadores ou sujeitos, que compõe o campo social no qual se insere o processo de investigação, desde a concepção do projeto, passando pelo percurso metodológico e a divulgação dos resultados.

Para melhor compreensão das relações interpessoais e grupais que ocorrem no campo social que constitui nosso objeto de estudo em saúde mental temos lançado mão do conhecimento advindo do referencial teórico da Dinâmica de Grupo. Essa é uma disciplina moderna dentro da Psicologia Social que tem por objetivo o estudo da conduta dos grupos como um todo, bem como das alternâncias da ação individual de seus integrantes para a elaboração de leis e técnicas que elevam a efetividade dos grupos. A teoria da Dinâmica de Grupo busca compreender e explicar a dinâmica da vida coletiva, os fenômenos e os princípios que regem o seu processo de desenvolvimento (Alcantara, 1972; Lewin, 1947a; Malhiot, 2013; Minicucci, 2002).

É do pesquisador a responsabilidade de buscar teorias e técnicas que possam colaborar no alcance da robustez metodológica da investigação a partir da escolha do seu objeto de estudo (Silva et al., 2018). Diante disso as pesquisadoras autoras deste artigo, tem adotado a Dinâmica de Grupo como referencial teórico de suporte ao desenvolvimento de pesquisas em saúde mental para alcançar a excelência desejada nas investigações qualitativas.

O grupo configura-se como a união de dois ou mais indivíduos interdependentes em ação interativa para a obtenção de objetivos em comum mediante a existência de uma tarefa. É uma totalidade dinâmica, acessível à observação e à experimentação científica. Representa a célula social bruta, o contexto micro que transporta o significado e o funcionamento do macro social. Todo grupo possui uma dinâmica própria resultante do conjunto de interações que ocorrem no interior do espaço psicossocial. Tais interações podem manifestar conflitos, repulsas, atrações, trocas, comunicação ou ainda coerções e pressões. Nessa perspectiva, entendemos a Dinâmica de Grupo como um processo vivencial que possibilita reflexões e aprendizados mais profundos e elaborados e que enquanto movimento natural de interação entre os sujeitos, no contexto da pesquisa-ação, pode influenciar todo o processo de investigação tanto positiva (caso seja reconhecido e cuidado) quanto negativamente (caso seja negligenciado).

Frente ao exposto, este artigo tem como objetivo discutir as múltiplas possibilidades de aplicação das teorias, métodos, instrumentos e técnicas do campo da Dinâmica de Grupo na pesquisa-ação no contexto da saúde.

1. DE QUE PESQUISA-AÇÃO FALAMOS?

A pesquisa-ação, que aqui abordamos, traz como proposta o desafio da intervenção no campo social. Nossa prática é marcada por intervenções direcionadas aos trabalhadores da saúde que atuam nas unidades de atenção psicossocial do SUS com o objetivo de desenvolver e qualificar aqueles que trabalham com os utilizadores dos serviços de saúde mental e seus familiares. A pesquisa-ação fundamenta-se no fato de que o pesquisador precisa conviver e mergulhar na realidade dos sujeitos envolvidos no problema de investigação para juntos, num processo de aprender coletivo, cooperativo e participativo, construir soluções que possam mudar o contexto investigado, por meio do incentivo a uma ação transformadora da realidade (Amado & Cardoso, 2017; Melo, Maia Filho, & Chaves, 2016; Rocha, 2012; Thiollent, 2011). Ela é cíclica e segue quatro etapas operacionais: a recolha de dados – momento em que se explora o campo para reconhecer a realidade onde se pretende intervir; o diagnóstico da realidade – partindo da categorização e análise dos dados coletados para identificação coletiva dos problemas, busca-se responder qual a situação atual do grupo e o que se deseja alcançar com o grupo; ação – após definido o diagnóstico elabora-se um plano de ação com alternativas de solução que possam diminuir a distância entre a situação desejada e a situação-problema identificada e a avaliação – após as ações realizadas e os resultados obtidos faz-se um novo diagnóstico sobre as lacunas ainda existentes na realidade (Lewin, 1948; Malhiot, 2013; Melo et al., 2016; Moscovici, 2008; Rocha, 2012; Thiollent, 2011).

Em oposição à neutralidade estabelecida pelo paradigma positivista de fazer ciência, na pesquisa-ação a relação pesquisador – sujeito/objeto pesquisado é condição determinante do processo de construção do conhecimento. Assim na pesquisa-ação é preciso viver o contexto grupal em que os sujeitos estão inseridos para que seja possível compreendê-lo e nele intervir. Por isso essa modalidade de investigação é marcada por dois movimentos simultâneos: o agir no campo da prática e o investigar a respeito dela. Assim, o conhecimento que é produzido tem relação direta tanto com a prática real quanto com o processo da própria investigação (Tripp, 2005).

2. ESTRUTURA, PROCESSO E CONTEÚDO - PLANEJANDO OS ELEMENTOS DA AÇÃO GRUPAL

A partir da nossa formação e atuação profissional tanto em saúde mental quanto em Dinâmica de Grupo, aplicadas ao contexto da clínica, da educação, da organização e da pesquisa constatamos que para alcançar o rigor metodológico no processo de coleta de dados das nossas pesquisas seria necessário associar ao conhecimento do método participativo de pesquisa-ação ao referencial sobre a dinâmica grupal. Para compreender a dinâmica dos grupos é preciso entender três elementos que a constituem. São eles: a estrutura, o processo e o conteúdo do grupo (Maré, 1974; Moscovici, 2008; Munari & Furegato, 2003; Nunes, 2013).

a) Estrutura grupal

A estrutura refere-se aos aspectos espaço-temporais de quando, onde e quem irá constituir o grupo. Entra nessa dimensão os critérios de seleção dos participantes, o tamanho do grupo, a frequência, a duração dos encontros, bem como todos os recursos materiais e humanos necessários a existência do grupo (Castilho, 2002; Maré, 1974; Munari & Furegato, 2003). A estrutura do grupo deve estar em perfeita consonância com a natureza do próprio grupo e deve se dar do modo mais acessível possível para os participantes.

O planejamento é fundamental para um trabalho grupal (Kaspary & Seminotti, 2012a; Lewin, 1947a; Malhiot, 2013). Ele se inicia com a seleção dos participantes, se será um grupo aberto (com o acolhimento de novos participantes a cada encontro) ou fechado (com permanência dos mesmos integrantes do começo ao fim da intervenção). É importante definir bem quais os critérios de entrada no grupo o que na linguagem da pesquisa conhecemos por critérios de inclusão dos sujeitos.

Após a seleção, é imprescindível fazer um levantamento das necessidades e perfil do grupo, considerando idade, gênero, grau de instrução, condições socioeconômicas, interesses e expectativas. Essas informações favorecem o reconhecimento das potencialidades do grupo e o estabelecimento dos objetivos e metas que o grupo esteja disposta a seguir (Valentin, Sá, & Esperidião, 2013).

Nesse quesito é fundamental que o pesquisador compreenda, com clareza, os objetivos dos participantes, os objetivos da pesquisa e os seus próprios objetivos enquanto coordenador do estudo. Espera-se que haja consonância entre eles, caso isso não ocorra os objetivos do grupo devem ser respeitados e priorizados, pois a dinâmica do grupo é sempre soberana. E os possíveis desalinhos podem ser analisados como dados da pesquisa (Leal, Motta, Munari, Freitas, & Martins, 2016; Lewin, 1947b).

Na preparação do local para a realização dos encontros é preciso considerar o acesso, o conforto, o sigilo e a privacidade para que não haja interrupção das atividades. Assim, sugere-se um espaço arejado, amplo, com iluminação adequada e com cadeiras móveis. Ressalta-se que, no entanto, nem sempre o espaço para pesquisa será ideal, principalmente quando se está no território real de uma comunidade ou instituição. Durante a realização dos encontros, incentivamos o sentar em círculo, pois tal configuração facilita o contato visual, promove sentimento de igualdade e maior interação social (Barreto, 2008; Castilho, 2002; Nunes, 2013).

Com relação ao número de participantes, devem ser considerados os objetivos do trabalho, o interesse, disponibilidade e comprometimento voluntário de participação, o número de pessoas deve ser suficiente para que todos consigam expor suas ideias e pontos de vistas no tempo dedicado às atividades do grupo (Valentin et al., 2013). E o tempo deve ser suficiente para permitir o desenvolvimento das atividades e participação de todos, um tempo insuficiente pode gerar desconforto no grupo (Moscovici, 2008).

Disponibilizar água, café e, se possível, lanche, a depender da duração de cada encontro é sinal de importante cuidado com o bem estar do grupo. Além disso, o lanche, muitas vezes, tem poder organizador e aglutinado, favorecendo a vinculação dos membros. Viabilizar os custos dos participantes com o transporte, também é estratégia importante de na promoção de participação, pois ausências que à primeira vista parecem resistência grupal pode ser, na verdade, dificuldades com o deslocamento. Frequência e duração do grupo devem ser pensadas a partir da realidade do grupo, de seus objetivos e acordado entre todos. Deve ainda ser pactuado horário de início e término, tolerância de atraso, intervalos, bem como compromissos com a confidencialidade dos dados (Valentin et al., 2013).

No início de um novo grupo é fundamental que se faça um contrato, que oriente a convivência e o trabalho com os participantes em uma construção coletiva onde são estabelecidos além das regras (horário de início e fim, intervalos, saídas da sala, período do grupo), a questão do sigilo das informações que ali forem compartilhadas (Andaló, 2006), respeito e responsabilidade de cada participante (Moscovici, 2008). Se o contrato for descumprido ou se conflitos surgirem no decorrer do grupo as regras pactuadas inicialmente podem ser novamente avaliadas e discutidas por todos. Por ser coletivamente construído, qualquer membro do grupo pode monitorar e cobrar o cumprimento do contrato ou a sua rediscussão (Castilho, 2002; Mota & Munari, 2006; Moscovici, 2008; Munari & Furegato, 2003; Nunes, 2013; Zimerman & Osorio, 1997).

Nas situações de pesquisa, seguindo as prerrogativas do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde, é necessário ainda o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que assegura ao pesquisador o consentimento em usar os dados que ali forem produzidos e ao participante a garantia da confidencialidade do que ele disse além de consentir em participar do campo de investigação (Motta, Nunes, Munari, & Medeiros, 2007).

b) Processo Grupal

O processo grupal refere-se aos aspectos dinâmicos que são ativados dentro e entre os elementos do grupo por meio das relações interpessoais dos integrantes, é a vida íntima e inteira do grupo. Envolve portanto a comunicação, a liderança, os processos de tomada de decisão, a motivação e a adesão ao grupo (Maré, 1974; Munari & Furegato, 2003). O processo grupal acontece no aqui (espaço) e agora (tempo) do grupo, é um movimento permanente que garante mudanças internas e externas à medida que ocorre (Ribeiro, 1994).

A comunicação que se estabelece entre os participantes, tanto verbal como não verbal, deve ser autêntica para garantir o entrosamento e adesão ao grupo. Assim, o coordenador deve ficar atento as relações existentes no grupo, pois elas podem

mobilizar diversos sentimentos. Às vezes será preciso intervenção direta do coordenador no manejo das interações, em especial quando se manifestam movimentos de hostilidade, disputa e conflitos (Lewin, 1947c; Malhiot, 2013; Mota & Munari, 2006).

A noção de interação recíproca e contínua entre todos e cada um é o que mais define o processo grupal e possibilita a compreensão do grupo enquanto unidade, totalidade dinâmica e complexa que se constitui em um campo de forças que impulsionam o desenvolvimento do grupo, ao mesmo tempo essas forças podem restringir o movimento de alguns membros e até causar desintegração do grupo (Andaló, 2006; Malhiot, 2013; Ribeiro, 1994).

Identificar as forças impulsoras e restritivas que atuam no grupo é uma potente oportunidade de diagnóstico e análise social que podem subsidiar ações e mudanças no contexto grupal. São exemplos de forças impulsoras: clima favorável, liderança participativa, comprometimento, confiança, afetividade nas relações, competência técnica para a tarefa do grupo, entre outras. São exemplos de forças restritivas: excesso de cobrança, pressão por resultados, falhas e ruídos na comunicação, desorganização, falta de planejamento, centralização e autoritarismo, para citar alguns exemplos (Leal et al., 2016; Moscovici, 2008).

c) Conteúdo grupal

O conteúdo grupal é a dimensão do grupo que compreende o significado, a mensagem e a informação transmitidos no processo dentro de sua estrutura, traduz sobre o que e como o grupo fala de suas experiências. Essencialmente o conteúdo é individual e qualitativo, pois reflete as atitudes e os papéis que cada sujeito assume na participação do grupo. O conteúdo marca uma estrutura relacional que cria no grupo uma cultura com forte poder de influência da estrutura formal. São funções do conteúdo: estabelecer coesão, coerência e continuidade; remodelar a estrutura e fornecer motivo, propósito e inspiração para relacionamentos recíprocos e envolventes no grupo (Maré, 1974).

A interação grupal deve ser estimulada pelo coordenador/pesquisador da intervenção ao mesmo tempo que deve ser preservado o espaço de cada indivíduo dentro do grupo (Munari & Furegato, 2003). Como dito anteriormente, a pesquisa-ação segue usualmente o ciclo de atividades coletivas: planejar, implementar uma ação/intervenção, descrever e avaliar seus resultados (Tripp, 2005). Desse modo, o pesquisador que adota essa modalidade de investigação assume a responsabilidade da participação e do engajamento dos participantes, pois depende deles para concluir o processo. A permanência das pessoas do começo ao fim da investigação é resultado direto do investimento do pesquisador/coordenador da intervenção grupal na vinculação e coesão dos integrantes.

Designa-se por coesão a força de atração que une e vincula os membros de um grupo e, portanto, influencia e determina o sentimento de satisfação de trabalhar e pertencer ao grupo. A motivação para participação e envolvimento com as atividades coletivas é diretamente proporcional a intensidade da coesão (Lewin, 1947c; Malhiot, 2013; Moscovici, 2008).

Dentre as características de liderança de um bom coordenador de grupo está o carisma, a paciência, o respeito, a disciplina, o incentivo à coesão e a tomada coletiva de decisão no grupo. A motivação para participar e permanecer no grupo pode ser decorrente também do interesse do pesquisador/coordenador em cada membro individualmente, movimento fundamental que garante a adesão dos sujeitos ao grupo (Rocha, Munari, Ribeiro, & Rego, 2017).

Os conteúdos planejados ou não que aparecem no grupo devem ser manejados pelo coordenador de maneira que possa ser resolvidos e ao mesmo tempo dêem conta do objetivo proposto pela investigação (Munari, 2006; Van Dijk et al., 2019). Todo conteúdo deve ser acolhido e valorizado pelo pesquisador/coordenador, ainda que aparentemente não esteja alinhado aos objetivos da investigação, pois o grupo fala daquilo que é importante para ele, o que ele consegue expressar e não necessariamente apenas o que se espera que ele aborde.

3. PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO GRUPAL NA PESQUISA-AÇÃO

O planejamento é fundamental para um trabalho grupal (Kaspary & Seminotti, 2012b; Lewin, 1947b, 1947c). Ele se inicia com a seleção dos participantes e com a definição se o grupo será aberto ou fechado mediante a definição de critérios claros de entrada no grupo. Após a seleção é possível fazer um levantamento de dados com as necessidades e o perfil do grupo, considerando idade, gênero, grau de instrução, condições socioeconômicas, interesses e expectativas dos participantes. Tais informações favorecem conhecermos o grupo e possibilita classificá-lo em heterogêneo ou homogêneo, estabelecer os objetivos e metas do grupo vem a seguir (Valentin et al., 2013). Nesse quesito é fundamental que os objetivos dos participantes, do coordenador/pesquisador estejam em consonância, caso não estejam os objetivos do grupo devem ser priorizados e os dados analisados para a pesquisa (Lewin, 1947a, 1947c).

Com relação ao número de participantes deve-se considerar os objetivos do trabalho, o interesse, disponibilidade e comprometimento de participarem espontaneamente. O número de pessoas deve ser suficiente para que todos consigam expor suas ideias e pontos de vistas no tempo dedicado à atividade (Valentin et al., 2013).

Dentro de um grupo há fenômenos ocorrendo em nível intrapessoal e interpessoal, nem sempre claramente identificado pela observação direta, mas há uma interdependência entre os participantes afetando a todos, mesmo que seja uma situação que ocorreu com uma pessoa (Moscovici, 2008). Salienta-se ainda, que no final de todo encontro deve ser realizado um fechamento do que foi experienciado, com uma síntese do dia, as conclusões e possíveis tarefas. Em uma pesquisa, aliado a esse fechamento é

fundamental um cuidado com o registro do encontro, que contemple as comunicações verbais e não-verbais do grupo (Valentin et al., 2013). Para o planejamento dos próximos encontros deverão ser considerados os objetivos do grupo e a análise dos encontros anteriores.

4. COMPETÊNCIA DO INVESTIGADOR PARA A COORDENAÇÃO DE GRUPOS

A atenção e importância dada ao papel do coordenador de grupo é uma preocupação recorrente dos pesquisadores de grupo (Andaló, 2006; Lewin, 1947a, 1947c; Zimerman & Osorio, 1997). Ressalta-se a imperativa necessidade dos investigadores que atuam na lógica da pesquisa-ação desenvolverem competências para a coordenação de grupos, dentre as quais destacamos o interesse em tecnologias grupais; as habilidades pessoais, tais como: escuta atenta das falas e dos comportamentos dos membros do grupo, espontaneidade, empatia, respeito e aceitação das diferenças e do ritmo de cada integrante, senso ético, assertividade, criatividade, liderança. É esperado também ser acolhedor, compreensivo e continente com as necessidades e angústias do grupo (Andaló, 2006; Zimerman & Osorio, 1997).

Em contextos grupais é natural que haja divergência seja de opiniões, valores, princípios, condutas, e crenças, nesse sentido Motta et al., (2007) alertam que o coordenador de grupo não deve tomar partido nem intervir na situação de maneira direta, mas deve possibilitar que o grupo vivencie e amadureça com o processo de dialogar para além das diferenças e conflitos, construindo juntos soluções para as questões e impasses que surgirem. Como pesquisador, ele pode usar os dados da situação que se apresenta para compreender o movimento grupal.

Há uma multiplicidade de trabalhos grupais no contexto da saúde com uma diversidade de modelos e técnicas. Nesse sentido Andaló (2006) alerta para a importância do coordenador não usar a técnica pela técnica, sem explorar os conteúdos manifestados pelo grupo e muito mais não estando contextualizada. A autora enfatiza ainda, é fundamental que esse líder saiba, além de conduzir a tarefa, perceber os fenômenos que ali ocorreram, organizá-los e devolvê-los para o grupo, favorecendo a reflexão e o aprendizado e possibilitando o fechamento do ciclo de aprendizado.

CONCLUSÕES

O trabalho grupal oferece diversas possibilidades de intervenções e de pesquisa, para isso dispõe de um método consistente além de técnicas e instrumentos diversificados. Por meio de suas estratégias, potencializa e dinamiza os resultados e a construção de recursos para uma saúde mental integral, tanto na dimensão individual quanto coletiva. A pesquisa-ação se mostra eficaz para elaboração de proposições e ações em contextos grupais ao problematizar fragilidades, necessidades e potencialidades, superar a realidade, e permitir novas respostas aos desafios que surgem nos contextos de saúde, comprometendo todos com os processos de mudança.

Os contextos grupais se mostram como espaços promissores para autonomia, criatividade e fortalecimento da inter-relação dos sujeitos com seu território, tornando-os ativos e participantes do conhecimento produzido, agentes transformadores da realidade. Os resultados da pesquisa e as respostas aos objetivos do grupo se fortalecem não só promovendo mudanças a curto como a longo prazo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcantara, A. (1972). *A dinâmica de grupos e a sua importância no ensino*. Rio de Janeiro: SENAI.
- Amado, J., & Cardoso, A. P. (2017). A investigação-ação e suas modalidades. In J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação*. (3a. ed., pp. 189-199). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Andaló, C. (2006). *Mediação Grupal*. São Paulo: Ágora.
- Barreto, A. P. (2008). *Terapia comunitária: passo a passo*. (3a. ed. rev.). Fortaleza: Gráfica LCR.
- Castilho, Á. (2002). *A dinâmica do trabalho de grupo*. Rio de Janeiro: Qualitmark Editora.
- Kaspary, M. C., & Seminotti, N. A. (2012). Os processos grupais e a gestão de equipes no trabalho contemporâneo: compreensões a partir do pensamento complexo. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 13(2), 15-43. Doi: 10.1590/S1678-69712012000200002
- Leal, M. L., Motta, K. A. M. B., Munari, D. B., Freitas, A. C. S. R. V., & Martins, V. F. (2016). Análise do campo de forças de Kurt Lewin: uma estratégia para as transformações no funcionamento grupal. In: K. A. M. B. Motta & D. B. Munari (Eds.). *As trilhas do trabalho de grupos*. (pp. 23-46). Curitiba: CRV.
- Lewin, K. (1947a). Frontiers in Group Dynamics: Concept, Method and Reality in Social Science; Social Equilibria and Social Change. *Human Relations*. 1(1), 5-41. Doi: [10.1177/001872674700100103](https://doi.org/10.1177/001872674700100103)

- Lewin, K. (1947b). *Frontiers in Group Dynamics: II. Channels of Group Life; Social Planning and Action Research*. *Human Relations*. Doi: 10.1177/001872674700100201
- Lewin, K. (1948). *Resolving Social Conflicts: Selected Papers of Group Dynamics*. *Social Forces*. Doi: 10.2307/2572316
- Lewin, K. (2007). *Frontiers in Group Dynamics*. *Human Relations*. Doi: 10.1177/001872674700100103
- Malhiot, G. B. (2013). *Dinâmica e gênese dos grupos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Maré, P. B. (1974). *Perspectivas em psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Melo, A. S. E., Maia Filho, O. N., & Chaves, H. V. (2016). Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), 153–159. Doi: 10.1590/1984-0292/1162
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14th ed.). São Paulo: Hucitec Editora.
- Minicucci, A. (2002). *Dinâmica de grupo: teorias e sistemas*. (2a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Moscovici, F. (2008). *Desenvolvimento Interpessoal* (14a. ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Mota, K. A. M. B., & Munari, D. B. (2006). Um olhar para a dinâmica do coordenador de grupos. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 8(1). Doi: 10.5216/ree.v8i1.931
- Motta, K. A. M. B., & Leal, M. L. (2016). O processo de aprendizagem no modelo de educação de laboratório vivencial. In K. A. M. B. Motta & D. B. Munari (Eds.), *As trilhas do trabalho de grupos*. (pp. 15–22). Curitiba: CRV.
- Motta, K. A. M. B., Nunes, F. C., Munari, D. B., & Medeiros, M. (2007). O grupo como instrumento de construção do conhecimento: aspectos éticos. *Revista da SPAGESP-Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 8(1), 4–13. Recuperado em 01 de abril de 2019 em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v8n1/v8n1a02.pdf>
- Munari, D. B., & Furegato, R. A. (2003). *Enfermagem e grupos*. Goiânia: AB Editora.
- Nunes, F. C. (2013). Grupos e equipes no contexto da estratégia de saúde da família. In K. A. M. B. Motta & D. B. Munari (Eds.), *As trilhas do trabalho de grupos*. (p. 174). Curitiba: CRV.
- Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-terapia: o processo grupal*. (3a. ed.). São Paulo: Summus.
- Rocha, B. S., Munari, D. B., Ribeiro, L. C. M., & Rego, L. G. (2017). Evidências no desenvolvimento da liderança em enfermagem com o uso da pesquisa-ação: revisão integrativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 19. Doi: 10.5216/ree.v19.46827
- Rocha, T. L. (2012). Viabilidade da utilização da pesquisa-ação em situações de ensino-aprendizagem. *Cadernos da FUCAMP*, 11(14), 12–21. Acedido em <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/218/194>
- Rocha, M. L., Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. *Psicologia: ciência e profissão*, [s. l.], 23(4), 64–73. Acedido em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010
- Silva, A., Castro-Silva, C. R., & Moura, L. (2018). Pesquisa qualitativa em saúde: percursos e percalços da formação para pesquisadores iniciantes. *Saúde e Sociedade*, 27(2), 632–645. Doi: 10.1590/s0104-12902018172700
- Thiollent, M. (2011). *Metodologia da pesquisa-ação* (18a. ed.). São Paulo: Cortez.
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31(3), 443–466. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>
- Valentin, F. (2018). *Não é porque sou pobre que não posso sonhar: contribuições da Musicoterapia em grupo multifamiliar vulnerado pela pobreza*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília.
- Valentin, F., Sá, L. C., & Esperidião, E. (2013). *Práticas musicoterapêuticas em grupo: planejar para intervir*. Acedido em <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/8-PR%C3%81TICAS-MUSICOTERAP%C3%81UTICAS-EM-GRUPO.pdf>
- Veenstra, R., Dijkstra, J. K., & Kreager, D. A. (2018). Pathways, networks, and norms: A sociological perspective on peer research. In W. M. Bukowski, B. Laursen, & K. H. Rubin (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups*. (2th ed., pp. 45-63). New York, NY, US: The Guilford Press.
- Van Dijk, S. D. M., Veenstra, V. S., Bouman, R., Peelkel, J., Veenstra, D. H., & Voshaar, R. C. O. (2019). Group schema-focused therapy enriched with psychomotor therapy versus treatment as usual for older adults with cluster B and/or C personality disorders: a randomized trial. *BMC Psychiatry*, 19(1). Doi: 10.1186 / s12888-018-2004-4
- Zimerman, D. E., & Osorio, L. C. (1997). *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas.